



"A gente fala, mas criança não entende e a gente não pode controlar o tempo todo"

Verminose ataca Vila Buritis

Ali, 25 mil pessoas (75% com vermes) vivem cercadas de valas sujas

Em menos de meia página do documento "Educação para a Saúde - Relatório de uma Experiência em Processo", preparado em outubro último pela Fundação do Serviço Social, estão todos os dados de que o GDF precisa, para compreender a natureza do problema de Vila Buritis e concluir imediatamente que a solução é a mais simples possível: esgotos.

Pelo menos, é assim que pensam os técnicos sanitaristas do Ministério da Saúde, consultados sobre o assunto.

Inserida num documento de mais de 30 páginas, esta meia página mostra que 74% da população de Vila Buritis ganha de zero até dois salários mínimos - portanto, menos de 3.100 cruzeiros por mês.

Com esta renda, além de comprar comida, roupas, produtos de higiene pessoal e doméstica e outros artigos essenciais, são também obrigados a cavar uma fossa depois da outra, dentro de 200 metros quadrados (20 por 10, excluindo o chão dos barracos), até não haver mais onde cavar novas fossas. Depois, comprar tijolos, cimento, etc.

Uma solução seria pagar os serviços da Caesb, que tem apenas uma equipe para esvaziar as fossas, mas o serviço está tão desaparecido que ninguém mais sabe dizer, ao menos, quanto custa:

Antigamente, custava 150 cruzeiros - explica Paulo Sady, da Associação Comercial - "mas depois se tornou gratuito, porque a equipe deixou de atender Vila Buritis".

Em consequência da falta de esgotos e do transbordamento permanente de quase todas as fossas, o chão da Vila nunca fica seco, nem mesmo no inverno árido de Brasília e 75% de toda a população têm alguma forma de verminose:

A *giárdia* infecta atualmente duas em cada três crianças (oficialmente 27%), 43% de toda a população têm lombrigas (*ascaris lumbricoides*) e pelo menos um décimo (8%) *ancilóstomo*.

Diante disto, alguns técnicos consultados no Ministério da Saúde mostram - se completamente revoltados com as medidas práticas que estão sendo tomadas, de acordo com o relatório da Fundação do Serviço Social:

"O relatório diz que estão se desenvolvendo pesquisas para traçar o perfil epidemiológico da *giárdia*, inquérito de previdência de parasitos intestinais, inquérito de casos isolados de esquistossomose etc. Está certo, tudo isto é importante. Mas o que já se sabe, já é mais do que suficiente para se compreender que, sem começar logo a construir esgotos, nenhum inquérito vai resolver nada. Você pode dar educação sanitária durante cem anos, pois os parasitos intestinais não vão desaparecer" - afirmou um dos técnicos.

E lembram uma das conclusões à que o Ministério da Saúde chegou em Uaú, cidade baiana considerada uma das mais carentes do Brasil. Ali, o Ministério comprovou que dar casa, água tratada e esgotos a toda população, praticamente de graça, ainda é mais barato do que dar o tratamento individual necessário durante um ano, para no ano seguinte ter de fazer o tratamento outra vez, e assim por diante.

"Agora, você procure calcular que no caso da Vila Buritis o prejuízo social não é só o custo de tratamentos anuais sucessivos, dentro de um círculo vicioso. Há uma diferença. Em Uaú, se a população tem sua capacidade de trabalho diminuída por causa das doenças, isto não causa um impacto tão grande como causa em Vila Buritis, onde a cultura de subsistência é impossível e todos têm de participar ativamente do mercado de trabalho, em condições de vida urbana, para poderem sobreviver".

São mais de 25 mil pessoas vivendo e cavando fossas, em terrenos de 200 metros quadrados, numa média de mais de seis pessoas por lote, durante 10 anos seguidos, desde que foram obrigados a sair de "invasões" próximas ao Plano Piloto, em 1969. Vieram da Asa Norte, do Iate Clube, da Candangolândia, da Invasão do IAPI.

Hoje, formam a Vila Buritis, um setor de Planaltina que é maior do que a "cidade antiga", onde em 1922 foi lançada a pedra fundamental de Brasília.

Ha duas maneiras simples para se definir a Vila Buritis, um retângulo acanhado, repartido, em forma de xadrez mas que, na prática, se transformou num amontoado planejado de barracos, permanentemente cercados de valas de água cinzenta por todos os lados.

Uma destas maneiras, é citar as estatísticas do próprio Governo do Distrito Federal, que até agora "não fez nem promessa de esgotos", no dizer de um morador. Mas, mesmo assim, preten- de estar realizando ali uma experiência de educação sanitária.

De acordo com o documento da Fundação do Serviço Social, intitulado "Educação para a Saúde - Uma Experiência em Processo", de outubro do ano passado, "75% da população têm verminose", incluindo aí desde a *giárdia* até a *ascaris lumbricoides*.

Outra maneira de definir a situação de Vila Buritis, é dada pelo dono da Drogaria Buritis, Paulo Sady, que além de conhecer na prática diária os problemas de saúde da população, também é o presidente da Associação Comercial dali.

De acordo com Sady, "os terrenos têm 200 metros quadrados de área, e 800 metros quadrados de fossa. Tem terreno aí que a gente já cavou fossa até no telhado".

A PASSAGEM DO PISC

Na página 15 do relatório da Fundação do Serviço Social, do Governo do Distrito Federal, estão especificados alguns dos objetivos de um longo período de treinamento de recursos humanos destinados a atuar em Vila Buritis:

Um treinamento que, só no recrutamento e seleção do auxiliar de saúde, envolve atividades como treinamento de dinâmica de grupo, capacidade de liderança e outros itens para "levar ao conhecimento da população o Programa Integrado de Saúde Comunitária (PISC), formando grupos representativos da população" e outros objetivos descritos por um técnico do Ministério da Saúde como "desvio do problema principal".

A passagem do pessoal do PISC e até de outros projetos é lembrada com nitidez pela população - que às vezes dá mostras eloqüentes de não precisar mais de educação sanitária para o problema específico dos caramujos.

Uma senhora da Quadra 4, de mais de 50 anos e que vive com um dos filhos e os netos, em poucos minutos mostra compreender muito bem a situação, embora não saiba falar nenhum termo técnico:

"Estou aqui há 10 anos, desde quando nos transferiram do Iate Clube para cá. Durante todo este tempo, todos os dias eu vi uma criança daqui ficar doente dos intestinos, levar para tratamento e quando volta outra vez no hospital já está com verme de novo. É essa água aí, por todo lado, caramujo tem que não acaba mais, sobem pela cerca e fazem aquele triângulo ali".

Da educação sanitária, não guarda ilusões:

"A gente fala com as crianças, mas criança não entende, e criança a gente não pode controlar. Ontem eu vi minha neta, aquela criança linda, baixar a boquinha pequenininha e beber aquela água. Eu perguntei aos outros se eles também bebiam, eles disseram que não. Mas criança, como é que a gente vai saber?"

Maria do Socorro, de 23 anos, quatro filhos, quando é perguntada se as crianças têm problemas frequentes de diarreia, acha graça e responde:

- Meu filho acabou de me dizer que está com dor de barriga. Nesta época, de muita chuva, é assim o tempo todo.

Pergunta se somos apenas "do jornal", ou se também estamos "fazendo pesquisa". Explica que "eles vieram por aqui fazendo perguntas e anotando as falas da gente, depois não vieram mais". Há também atencientes a domicílio, "mas só querem saber de menino de colo". Também lembra de "um moço que passou pegando assinatura para pedir esgotos".

Segundo ela, "remédio parece que não faz efeito, não mata os bichos. A gente toma, quando dá fé tem que tomar de novo".

Do hospital, diz que "a gente sai mais doente do que entrou, mas com raiva", porque "é obrigado levantar de madrugada, entrar na fila e tem vez que ainda assim não consegue marcar. Quando marca, é para um mês depois, não tem mais serventia. A gente tem de tomar o remédio que a gente mesmo encontra, ou então esses que eles dão de graça".

Paulo Sady, dono de farmácia e presidente da Associação Comercial do lugar, concluiu sem demora que "a falta de esgotos, o transbordamento de quase todas as fossas e a falta de terreno para cavar novas fossas" são a causa das lombrigas, das *giárdias* e apresenta um argumento bastante simples:

"A prova disto, é que no setor tradicional tem esgotos e a incidência das verminoses é muito menor do que em Vila Buritis".